

CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA

# ASSOCIAÇÃO CULTURAL QUILOMBO DO CAMORIM



## Guardiões da sankofa

**ACUCA**  
ASSOCIAÇÃO  
CULTURAL DO  
CAMORIM







## Carta aos ancestrais

Vivemos tempos difíceis!  
Mas, o que são considerados  
tempos difíceis para nós? Nós, que  
vivemos, há tantos anos, sendo chicoteados, mal  
falados, marginalizados, tudo porque não queremos ser  
domesticados!

Em meu sangue pulsa a água mais pura e calma.  
Mas, também pulsa os ventos mais fortes que  
acompanham a tempestade.

Precisamos ser inconstantes para acompanhar a  
luta que é travada há tempos. Sei que vocês (ancestrais)  
lutaram muito para termos o que temos hoje. Tudo foi  
conquistado com muita garra e coragem.

Sou a continuação de vocês, me sinto honrada  
em ter esta essência e espero não decepcionar.

**UBUNTU!**

*Rosilane Almeida*

### **UBUNTU RESISTIR PARA EXISTIR CADA DIA**

Ubuntu é uma antiga palavra africana que tem origem na língua Zulu. Para o grupo linguístico da cultura bantu, ela sintetiza uma concepção de humanidade. Embora não haja tradução literal, o seu significado nos remete a existências conectadas entre si, "uma pessoa é através de outras pessoas"; o que também pode ser traduzido como "Sou o que sou pelo que nós somos".

## ACUCA

A Associação Cultural Quilombo do Camorim - ACUCA - atua no território desde 1998 e foi registrada em 2003. Desde então, seu objetivo é proteger o patrimônio histórico, cultural e ambiental do bairro do Camorim - que fica nos limites do Parque Estadual da Pedra Branca - PEPB - uma das maiores florestas urbanas do mundo.

Pela mediação da arte, da educação ambiental, da cultura, da culinária quilombola e do Turismo de Base Comunitária, a ACUCA é guardiã da memória da presença negra e dos quilombolas que, como forma de resistência durante a época colonial, se refugiaram nas florestas do maciço da Pedra Branca. A missão da ACUCA é preservar as memórias afrodescendentes materiais e imateriais da planície de Jacarepaguá.

O trabalho da ACUCA se dá no resgate da história dos antepassados e na busca por uma conexão entre o passado, o presente e o futuro. Daí que o símbolo escolhido para simbolizar o trabalho da associação seja a sankofa, um ideograma adinkra representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda, e que se traduz por: *"retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro"*, ou ainda, *"avançar sem jamais esquecer as origens"*.

Em 2014, a Fundação Cultural Palmares, órgão ligado ao Ministério da Cultura, reconheceu o território como comunidade remanescente de quilombo. Tanto os vestígios na floresta, quanto o local onde forçadamente trabalharam os africanos escravizados, foram importantes para o reconhecimento oficial por parte da Fundação Cultural Palmares.



## História, Memória e Patrimônio

Camorim é uma palavra tupi para nomear o peixe robalo. Este é um sinal da presença de indígenas da etnia Tupi-Guarani no maciço da Pedra Branca, antes mesmo da chegada dos portugueses. Outro sinal da presença indígena são os sambaquis, os artefatos de pedra, além dos fragmentos de cerâmica.

Ainda há poucas informações historiográficas sobre a população indígena pré-colonial na região, mas os nomes de animais e plantas são uma prova da sua presença. Daí que a palavra camorim seja reivindicada pela ACUCA como parte essencial da história do lugar.

No Quilombo do Camorim, os vestígios históricos materiais mais sobressalentes correspondem à história colonial do Brasil, da qual também há inúmeros registros de arquivos pesquisados pelos historiadores.

Em termos materiais, destaca-se a Igreja de São Gonçalo do Amarante que está em pé e foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural (INEPAC) em 1965. A igreja foi construída em 1625 por Gonçalo de Sá Correia, filho do governador da cidade do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá.

A partir da pequena igreja se rastreia a história da sesmaria onde foi instalado o Engenho do Camorim, um dos muitos engenhos da planície de Jacarepaguá.

Quando Victória, filha de Salvador, casou-se, as terras do governador que iam do Camorim até Vargem Grande lhe foram dadas como dote. Mediante testamento, ela deixou as terras aos monges do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro que mantiveram a posse por cerca de 200 anos. Os beneditinos dividiram as terras em três fazendas para melhor administrá-las.



Igreja de São Gonçalo do Amarante





Camorim conservou o nome original de toda a propriedade. As outras duas foram denominadas Vargem Grande e Vargem Pequena. Os monges continuaram com a plantação de canaviais para a produção de açúcar e aguardente a partir do trabalho dos africanos escravizados.

Alguns escravizados compravam sua alforria e se tornavam foreiros que arrendavam as terras dos monges. As últimas alforrias foram concedidas em 1871 pouco antes do fim da escravidão.

**"Quem eram esses homens e mulheres escravizados? De onde eu vim? Quem eu sou? E para onde eu quero ir?"**, são algumas das questões que Adilson Almeida, fundador da ACUCA, começou a formular e para as quais foi buscar conhecimento para compartilhar a história de sua comunidade com outras pessoas.

O principal ponto de referência para a ACUCA é o Núcleo Histórico do Engenho do Camorim. O conjunto arquitetônico datado do século XVII foi composto pela igreja, a casa-sede do engenho (que hoje é uma propriedade particular bastante descaracterizada) e o Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim, registrado em 2017 junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim era parte integrante de um conjunto maior, onde havia vestígios do antigo engenho, da senzala e outras construções erguidas no tempo da escravidão, como o galpão do engenho. Essas marcas tem desaparecido com o processo de urbanização do bairro. Daí que a luta da ACUCA seja contra o apagamento da história.

Alexander mapeando ruínas na trilha para o Açude de Camorim



Evento do dia da Entrega da Certificação de Comunidade Quilombola por parte da FCP



Fazenda Camorim, desenho de Magalhães Corrêa no livro Sertão Carioca

## Patrimônio Arqueológico

Em 2016, a pesquisadora Silvia Peixoto, com a participação da comunidade, realizou pesquisa arqueológica na área do Quilombo do Camorim, outra terras do Engenho do Camorim. Como resultado, foi registrado o sítio arqueológico no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O trabalho realizado pela pesquisadora incluiu, além de escavações sistemáticas, o levantamento arquitetônico da casa de vivenda do antigo engenho, ainda de pé, localizada a cerca de cem metros da Igreja de São Gonçalo do Amarante.

O terreno escavado apresentou uma multiplicidade de vestígios arqueológicos, dos quais foi possível compreender um pouco mais da história do engenho e seus habitantes, muitas vezes desconhecida dos documentos escritos.

As pesquisas arqueológicas encontraram material relacionado a um dos primeiros espaços produtivos do engenho, ao que tudo indica, a casa de purgar (onde o açúcar passava pelo processo de refino e branqueamento).

Sobre o material, destacam-se peças relacionadas à produção do açúcar, a exemplo de pedaços da forma chamada de 'pão de açúcar' (recipiente utilizado para refinar o açúcar); partes de um recipiente usado para assentar o pão de açúcar ou para receber o caldo das formas quando estivessem em mesas específicas; e parte de uma forma fechada com gargalo, bem rara, que provavelmente servia como jarro para transportar o caldo para ser refinado/purgado.

No que tange aos habitantes do engenho, cujas relações sociais eram baseadas nas relações de poder - sustentado pelo sistema escravocrata -, foram encontrados diferentes tipos de fragmentos.



Atividades de educação patrimonial com as crianças da rede pública tendo a vivência do Museu a céu aberto



Fragmentos Arqueológicos

As faianças de origem portuguesa (louça de barro, argila ou pó de pedra, envernizada ou esmalhada, com decoração) datadas de meados do século XVII, relacionavam-se aos proprietários do engenho, pela qualidade técnica e decoração das peças, provenientes de Portugal.

Fragmentos de panelas, tigelas, assadores, pratos de cerâmica, dentre outros, assim como de cachimbos confeccionados e usados pelos grupos escravizados presentes no engenho, apresentam marcas culturais desses grupos e suas interrelações. Concluiu-se pela grande quantidade de cerâmicas com decorações características do grupo Tupi, a numerosa presença de população nativa no engenho. Camorim é o nome indígena de robalo, peixe do mar que invadia as águas calmas da lagoa para desovar.

Somado à cerâmica do açúcar e à cerâmica culinária, verificou-se também a existência de telhas e tijolos, indicando um espaço de olaria.

Distante do núcleo colonial, o engenho demonstrava uma produção ativa até sua transferência para os beneditinos. Em 1796 o engenho foi reativado, possivelmente em outra área, produzindo açúcar e aguardente até o século XIX, em quantidade bastante inferior aos engenhos da região.

A pesquisa arqueológica contou com a participação da comunidade, escavando e apresentando o sítio arqueológico aos visitantes. Além de contribuir no fortalecimento da identidade local, tal ação garantiu à comunidade quilombola se apropriar do sítio arqueológico como instrumento de apoio na preservação da história e memória da região do Camorim.

### PARA SABER MAIS, CONSULTE

PEIXOTO, Sílvia. **Jacarepaguá: A "Planície dos Muitos Engenhos": Uma Arqueologia do Sertão Carioca, Rio de Janeiro, Século XVII ao XIX. Volume I e II.** Tese de Doutorado. Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2019.



## O território da ACUCA: Um circuito de pedagogia

É no entorno do sítio arqueológico que a ACUCA tem concentrado suas atividades de pedagogia, cultura, ecologia e resgate histórico. O espaço propõe ao visitante um circuito a pé. Cada parte do circuito foi organizado em partes e batizado com um nome que faz referência à reconstrução histórica do passado no presente.

A parte inicial é chamada **Entrada da Paz e Esperança** e corresponde a sensação que se tem ao entrar e sair do terreno do quilombo. Em seguida, começa a trilha denominada **Caminho da Nossa Senhora Jabuticabeira**, um percurso que serve para abordar temas sobre educação ambiental a partir da jabuticabeira centenária localizada no meio deste trecho. A parada seguinte é perto do rio Camorim, em um dos espaços onde são realizadas as atividades da horta orgânica, das aulas de Jongô e outras atividades de educação ambiental, como os acampamentos.

Do rio Camorim, o circuito continua até chegar na parte da escavação arqueológica, onde foram encontrados os alicerces da fábrica de cerâmica do antigo engenho. Esta parte é chamada **Caminho da Ancestralidade**, em que é apresentado o trabalho da arqueologia, os vestígios materiais da sociedade do período colonial encontrados durante as escavações e a partir dos quais se explica o funcionamento do engenho.



Adilson ao lado do guapuruvu plantado por ele em 2000



Primeira gruta que serviu de refúgio para os negros escravizados



Raízes das figueiras envolvem as pedras que identificam as trilhas

Grutas e cavernas na floresta que foram usadas pelos escravizados que fugiam do antigo engenho como esconderijo, também são parte do roteiro turístico que a ACUCA realiza para guiar caminhadas mais longas que incorporam lugares significantes e marcos naturais ao longo da rota. Pelo roteiro é possível avistar louças, garrafas e enxadas encontradas em grutas próximas, além de fundações de casas antigas.

O outro trecho do circuito proposto pela ACUCA é o **Caminho da Reconstrução**, que inicia em frente ao muro que divide o terreno do quilombo e o terreno da construtora Living Amparo Empreendimentos Imobiliários, do grupo Cyrela, onde foi construído o condomínio Verdant Valley Residence.





Oficina de cartografia participativa na Mesa de Nárnia

Para a construção desse empreendimento, que fica a três quilômetros do Parque Estadual da Pedra Branca, houve desmatamentos. Árvores nativas e centenárias foram derrubadas e houve um impacto e a degradação de vestígios arqueológicos como as ruínas do antigo galpão do Engenho de Camorim, agora totalmente desaparecido.

O nome **Caminho da Reconstrução** faz referência às ações de reflorestamento que os membros da ACUCA passaram a colocar em prática quando iniciaram a retomada do território. Ele termina no lugar denominado **Mesa de Nárnia**, um mesão de concreto localizado nas ruínas de um antigo casarão perto do rio Camorim.

Após a destruição cometida pela empreiteira, os membros da ACUCA começaram a limpar o

## Conflitos no território

O terreno em que hoje se encontra o condomínio Verdant Valley Residence e foi edificado dentro da Área de Especial Interesse Ambiental, criada pelo decreto municipal N° 37958 de 2013 para proteger os ecossistemas naturais da região.

O objetivo do decreto foi congelar as concessões de licenças ou projetos de construção no Camorim e em outros bairros ao redor do Parque Estadual da Pedra Branca. No entanto, o mesmo continha uma brecha isentando todos os projetos de construção direta ou indiretamente relacionados com os Jogos Olímpicos.

A construção desse condomínio contou com o amparo e licenciamento da prefeitura do Rio de Janeiro e também envolveu o levantamento de um extenso muro de tijolo e concreto na floresta com o suposto objetivo de evitar que animais entrassem no espaço condominial. O muro implicou não apenas a lamentável remoção de espécies nativas, como também o despejo de entulhos e materiais alheios ao ambiente florestal.

terreno e perceberam que esse espaço era uma transição entre a cidade e a floresta, uma conexão entre o presente e o passado, uma ponte entre a destruição e a reconstrução.

A Mesa de Nárnia representa um portal para pensar e concretizar projetos. Lá, a ACUCA organiza encontros e reuniões com novas parcerias que, a cada momento, chegam no local. Ela também simboliza a necessidade de um espaço físico cultural comunitário que tem previsão de ser construído na parte da frente do território. A associação pretende construir um Centro de Convivência e um Ecomuseu com abordagens relacionadas às questões ambientais, arqueológicas e da memória quilombola e afro-brasileira.

Na visão da pedagogia quilombola da ACUCA, todo o território poderia ser também chamado de "Universidade e Museu a Céu Aberto do Camorim".



Nathanael Santos mostrando o artefato arqueológico



Desmatamento no Camorim feito pelo empreendimento imobiliário da Cyrela

Nos destroços e arbitrariedades acima descritas, foi ainda identificado um caso de reprodução do trabalho análogo à escravidão, tema que a ACUCA continuamente denuncia quando aborda a experiência do passado colonial. O tema veio à público e foi denunciado pela mídia local a partir de uma ação do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e a Defensoria Pública da União. Em novembro de 2015, 11 operários foram resgatados das obras em condições degradantes. A construtora teve que assinar um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), mas não foi punida.





Trilha para realização do mapeamento cartográfico participativo

## Ecologia e Turismo

A ACUCA desempenha um importante papel pedagógico em termos de ecologia, educação ambiental e cuidados com o meio ambiente. Ao longo dos anos, a associação tem feito ações de limpeza no entorno do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), eventos para reflorestamento e recuperação de espécies nativas como o guapuruvu e outras espécies simbólicas, como o baobá.

O ecoturismo de base comunitária também inclui caminhadas em trilhas dentro do PEPB que permitem experimentar a rica biodiversidade da Mata Atlântica. O roteiro inclui pontos como o açude do Camorim e cachoeiras, sendo a mais conhecida o Véu da Noiva.

Os visitantes também podem visitar pontos como a Casa Amarela e a Pedra do Quilombo, os quais requerem maior disponibilidade de tempo, preparo físico e acompanhamento de um condutor local.

Para esse propósito, jovens do bairro têm participado de cursos de formação de Condutores Locais, visando a participação da juventude quilombola em atividades de geração de renda e autonomia através de atividades de Turismo de Base Comunitária. Durante a caminhada, os condutores oferecem informações sobre as plantas e os animais, assim como as histórias da comunidade quilombola e do antigo engenho.

Do galpão do antigo engenho só restam pedras, mas as ruínas continuam sendo um ponto de visitação que serve para refletir não apenas sobre a história, mas também sobre os conflitos fundiários e as políticas públicas de urbanização que promovem desmatamentos, remoções compulsórias e a marginalização das populações periféricas urbanas, submetidas à violência e à discriminação.



Lúcia Helena e Helen Cristina na trilha do Açude do Camorim



Adilson Almeida ministrando a aula do curso de condutores do PEPB



## Trilha para o Açude do Camorim

O açude do Camorim, é a principal atração desta trilha, localizado entre as Serras do Quilombo, do Nogueira e o Pico do Sacarrão, num vale cercado de muito verde. O corpo de água está a 415 msnm, tem uma área de 210.000 m<sup>3</sup> e uma profundidade de 18 metros.

O açude não é natural, foi planejado por Sampaio Corrêa e construído por Henrique de Novaes em 1908. Não é permitido o banho nas águas do açude, pois as mesmas abastecem parte da Zona Oeste do Rio de Janeiro e em alguns locais existem perigosos sumidouros.

A trilha para contemplar o açude do Camorim é toda sombreada, o percurso se desenvolve em meio a floresta de Mata Atlântica e passa pelas cachoeiras do Camorim e o Véu-da-Noiva. Em geral, não apresenta trechos muito íngremes e é considerada de nível moderada, passível de ser frequentada por idosos e crianças.

A trilha pode iniciar na Igreja de São Gonçalo do Amarante; também é possível ir de carro até a sub-sede do PEPB, localizada no final da estrada do Camorim.

Na sub-sede, após o portão do parque, deve-se entrar na primeira trilha à esquerda, ponto onde existe uma placa indicando a entrada da trilha para



Cachoeira Véu da Noiva

**Distância:** Partindo e voltando da Igreja de São Gonçalo do Amarante: 10 quilômetros

**Tempo Total:** 4 horas contando paradas para comer e fotografar, o tempo pode diminuir se uma parte do trajeto foi feita por carro

**Altura máxima:** 435 msnm

**Grau de Dificuldade:** Moderado

**Principais Pontos:**

- Sede da ACUCA
- Igreja de São Gonçalo do Amarante
- Véu da Noiva
- Açude de Camorim

o Açude do Camorim. É obrigatório fazer o registro de entrada no escritório local do parque e é sempre recomendado realizar a caminhada com um condutor local.

Após a entrada no parque, atravessamos o Rio Camorim e encontramos, ao lado esquerdo da trilha, as ruínas de uma casa abandonada, que teve Dona Sebastiana como sua última moradora. A casa teria sido construída por um alemão que viveu no Camorim quando aqui chegou após fugir da Segunda Guerra Mundial.

O esposo de Dona Sebastiana foi um quilombo-la, nascido e criado no Quilombo do Camorim. Seu nome era Jonas, conhecido como Joninha. Viveram lá por toda a vida. No início, trabalharam como caseiros para a família alemã. Quando os membros faleceram, por não terem herdeiros, a casa ficou para o casal. Relatos da oralidade dão conta de que Dona Sebastiana era conhecedora de ervas e tinha afinidade com os animais da floresta.

A ACUCA acha importante retomar uma proposta já existente de construção de um Ecomuseu naquele local. A associação destacou que, infelizmente, a casa está no chão. No local, e junto com o PEPB, foi realizado um trabalho de reflorestamento.

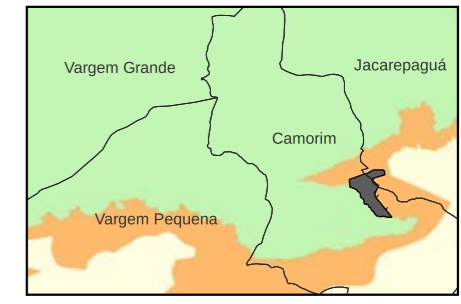
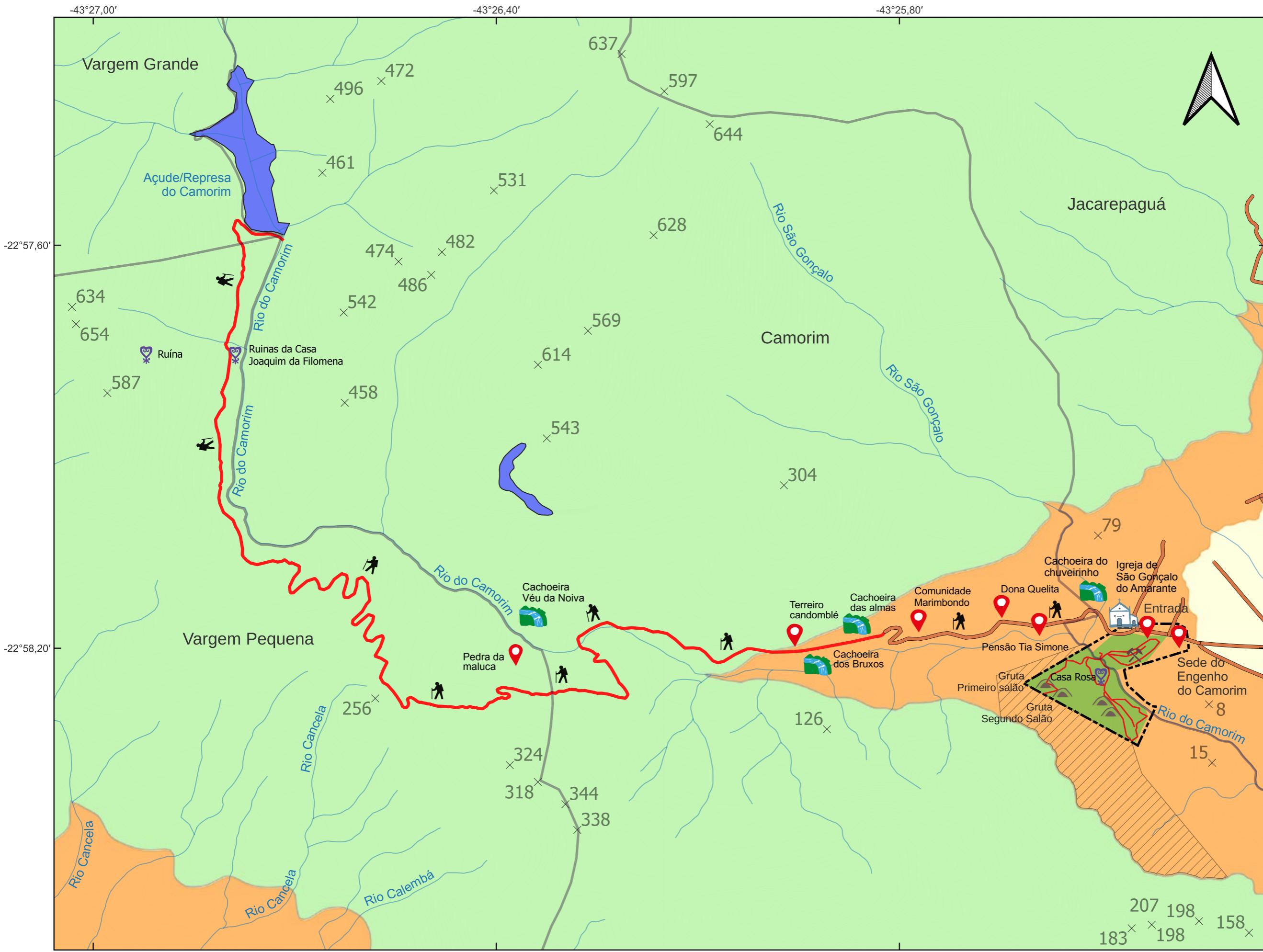
Toda a trilha é bem marcada e segue sempre subindo com um desnível aproximado de 300 metros. Quando passar por bifurcações é só seguir a mais marcada e em mais ou menos 1 hora e 10 minutos, a partir da sede do PEPB, chega-se ao açude.

Nessa parte da trilha é possível avistar parte das formações rochosas que compõem o Maciço da Pedra Branca e também tem um pequeno mirante onde pode-se admirar o Maciço da Tijuca e a Pedra da Gávea.

Nessa parte da trilha, vemos vários muros de pedras cobertas de limo. Já ao lado esquerdo, as pedras são sobras da construção da represa. Não há comércio perto do PEPB, recomenda-se levar água e lanches.



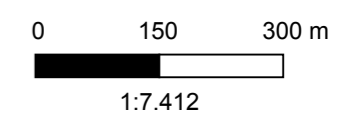
# Trilha Açude do Camorim



## LEGENDA

- Lugar de memória
- Pedreira
- Sítio arqueológico
- Igreja São Gonçalo do Amarante
- Ponto de referência
- Cachoeira
- Rota turística
- Trilhas quilombo
- Trilha Açude do Camorim
- Arruamento
- Drenagem
- Núcleo Histórico do Engenho do Camorim
- Núcleo Quilombo Camorim
- Zona de Proteção Quilombo Camorim
- Parque Estadual da Pedra Branca
- Zona de Amortecimento
- Área densamente edificada

Quilombo Camorim - Açude Camorim  
5,35km



Trabalho de campo realizado entre 2021-2022  
Projeção SIRGAS 2000



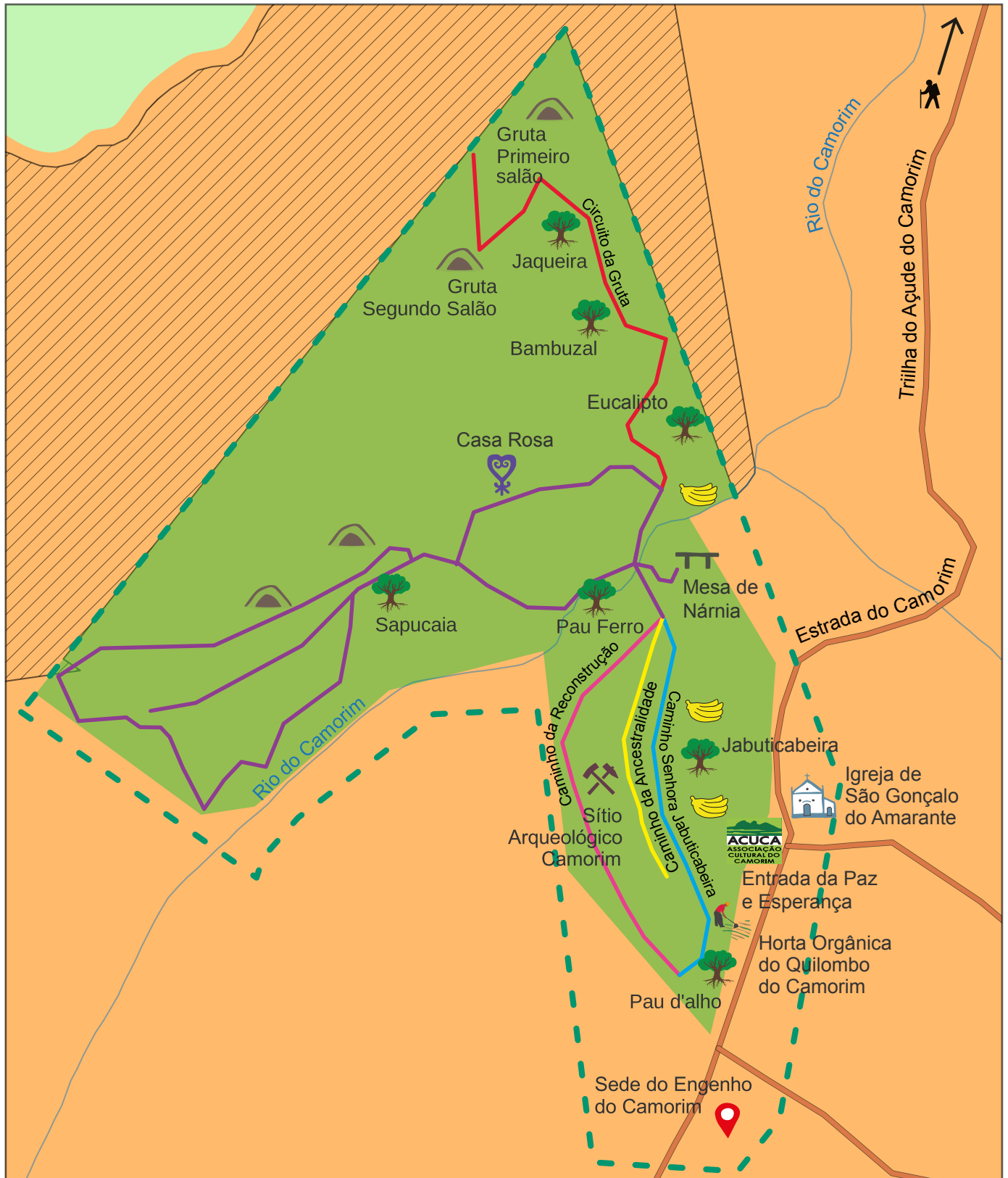
## Horta Orgânica Quilombo do Camorim

A ACUCA também trabalha na consolidação de uma horta orgânica, na recuperação de saberes tradicionais no plantio de espécies comestíveis e medicinais e promove mutirões para sua manutenção e crescimento. Com o apoio de parceiros diversos, a associação realiza trabalhos de educação ambiental, articulando conhecimento ambiental e resistência quilombola.

A manutenção das áreas verdes no entorno do Quilombo do Camorim ameniza a temperatura do ambiente, e é um filtro e caminho para as águas que vem das florestas. As contribuições ecológicas da forma tradicional de manutenção da Horta envolvem ainda a produção de alimentos saudáveis, a melhoria da água, do solo e do ar.

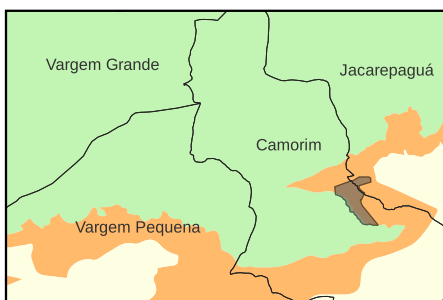


# Associação Quilombola Camorim - Núcleo Histórico



## LEGENDA

- |  |                            |  |  |
|--|----------------------------|--|--|
|  | Lugar de memória           |  | Trilhas quilombo                       |
|  | Pedreira                   |  | Caminho da Reconstrução                |
|  | Sítio arqueológico         |  | Caminho da Ancestralidade              |
|  | Igreja                     |  | Caminho Senhora Jabuticabeira          |
|  | Bananal                    |  | Circuito da Gruta                      |
|  | Ponto de referência        |  | Arruamento                             |
|  | Trilha do Açude do Camorim |  | Drenagem                               |
|  | Árvores                    |  | Núcleo Histórico do Engenho do Camorim |
|  | Horta                      |  | Núcleo Quilombo Camorim                |
|  |                            |  | Zona de Proteção Quilombo Camorim      |
|  |                            |  | Parque Estadual da Pedra Branca        |



0 50 100 m





## Celebrações, Manifestações e Expressões Culturais

A ACUCA organiza feijoadas e outros eventos culturais como a Festa de Dandara e Zumbi, celebrada no domingo seguinte após a comemoração do 20 de novembro, dia da Consciência Negra.

As feijoadas em dias comemorativos referentes à história negra brasileira também são referências locais e a celebração do Dia do Jongo, em 26 de julho, é um momento de muita celebração.

Ao recuperar expressões culturais de matriz africana, há um tempo apagadas, a ACUCA atua na resistência e na conscientização, valorização e preservação da história de homens e mulheres que resistiram às condições de cativo e construíram formas de resistência através de seus saberes populares e vivências.

São práticas educativas-culturais que atuam no combate aos preconceitos e intolerâncias e na afirmação positiva da identidade afrodescenden-

te na formação brasileira. A Associação trabalha continuamente na preservação desse espaço de memórias, de história e de cultura, originárias dos quilombolas e seus descendentes.

Outras atividades de cunho cultural que a ACUCA realiza são as recorrentes atividades de jongo, maculelê, côco de roda, tambor de crioula e capoeira.

A capoeira, uma arte marcial afro-brasileira que combina cantos, ritmos e dança é realizada, principalmente, por Adilson Almeida, fundador da ACUCA. Ele pratica a arte da capoeira desde criança, e, com o tempo tornou-se instrutor. Ele é conhecido como "Mestre Guerreiro" pelos seus alunos. A partir da prática e ensino da capoeira, Adilson motivou-se a aprender, pesquisar e transmitir a história e a cultura dos africanos escravizados e dos quilombolas.



Desfile Afro organizado por Dona Riva



Roda do jongo no Quilombo do Camorim





Apresentação de Makulê no ano de 2011



Bailarinas da performance Sankofa e Alzira Almeida, vó da Rosilane Almeida e mãe do Adilson Almeida

*Entender quem nós somos e de onde viemos significa uma preparação para executar todo o trabalho árduo de uma missão que será imposta para você dar seguimento à luta que se iniciou há séculos atrás. Hoje, eu entendo as conversas e as histórias contadas pela minha avó e pela minha mãe. Meus antepassados que foram escravizados estiveram aqui, assim como os indígenas também. Hoje, eu estou aqui porque meus bisavós estiveram aqui, eu estou aqui porque meus avós estiveram aqui, hoje eu estou aqui porque meus pais estiveram aqui, meus filhos estão aqui porque eu estou aqui. A luta continua porque a resistência se faz necessária. Eu estou aqui porque a ACUCA está aqui, eu estou aqui porque vocês estão presentes em nossos movimentos de resistência cultural e aquilombamento. Hoje, há centenas de pessoas especiais e amigas que estão aqui porque eu estou aqui, não existe o ego. Eu caminhei por ruas esburacadas, caminhos escuros cheios de pedras pontiagudas e trilhas cheias de espinhos para chegar até aqui, furei meus pés e mãos, tive cortes e arranhões pelo corpo. Vocês não imaginam como foi longa e árdua a caminhada e os obstáculos que tive que vencer e as barreiras que tive que quebrar para chegar até aqui. Toda vitória foi porque todos vocês me ajudaram a estar aqui. Também tenho certeza que nas horas mais difíceis da minha vida eu fui socorrido pelos meus ancestrais. Bênção aos mais velhos. Quem me acolheu foi vovó Cambinda que veio de Aruanda e curou minhas feridas e aliviou minhas dores com um banho das folhas da Jurema, me alimentou com a caça de Oxóssi, me protegeu com a capa e lança de Ogum.*

**Adilson Almeida**



## Trabalho Social

Outra parte das articulações da ACUCA se concentra na realização de trabalhos de assistência social. A associação é a mediadora de doações de cestas básicas que são redistribuídas entre as famílias em vulnerabilidade social que vivem no bairro. Essa mediação permite ainda a criação de redes de informações sobre vagas de empregos para a juventude,

## Sobre a cartografia

Este mapa foi feito através do uso e apropriação de ferramentas participativas vinculadas às novas tecnologias de informação geográfica. A construção do mapa e os marcadores territoriais partiu de oficinas de popularização da cartografia. Os fundamentos teóricos, metodológicos e empíricos da cartografia participativa se dirigem para o fortalecimento organizativo comunitário e o processo de tomada de decisão no território a partir da análise quilombola da realidade sócio-geográfica.

Foram realizados exercícios de reconhecimento espacial mediante a elaboração de mapas mentais e afetivos. A captura de pontos de GPS feita com os moradores orientou-se a atender aqueles elementos considerados como definidores da territorialidade quilombola e manteve os nomes criados pela ACUCA.

Neste mapa demos destaque ao Núcleo Histórico do Engenho do Camorim composto pela Igreja de São Gonçalo do Amarante, a localização geográfica da antiga casa-sede do engenho e o Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim.

Neste mapa usamos como principais marcos geográficos:

- 1) o Parque Estadual da Pedra Branca - PEPB, como a área da Unidade de Conservação - UC. Ela aparece em verde.
- 2) A Zona de Amortecimento - ZA em cor laranja refere-se à área estabelecida ao redor da UC com o objetivo de filtrar os impactos negativos das atividades que ocorrem fora dela, como: ruídos, poluição, espécies invasoras e avanço da ocupação humana, especialmente nas unidades próximas a áreas intensamente ocupadas. As zonas de amortecimento não fazem parte das UCs mas, localizadas no seu entorno, têm a função de proteger sua periferia.
- 3) e, finalmente, na cor amarela, está designada a área urbana propriamente dita.

parcerias com diferentes instituições públicas e privadas para capacitações, dentre outros.

A ACUCA cumpre um importante papel de assistência social, uma vez que apoia os moradores do bairro do Camorim para a obtenção de documentação, mobiliza órgãos responsáveis de fiscalização e participa em campanhas de prevenção e acesso à saúde e à vacinação.



Atividades da cartografia participativa



Ao redor deste sítio estão os caminhos pedagógicos criados pela ACUCA: *Entrada da Paz e Esperança*, o *Caminho da Nossa Senhora da Jabuticabeira* o *Caminho da Ancestralidade*, o *Caminho da Reconstrução a Mesa de Nárnia* e a *Horta Orgânica* do Quilombo do Camorim. Para os elementos culturais se propõe a delimitação provisória de um polígono que aparece de forma pontilhada.

Nas palavras de Adilson: *"A importância da cartografia social em nosso território consiste em identificar e representar no mapa lugares e estruturas que foram destruídos. Localizamos as ruínas da casa e o galpão do antigo engenho, assim como também os caminhos que nossos antepassados percorreram. Essa história não pode cair no esquecimento e com a cartografia temos um instrumento para reforçar e passar essas informações de geração para geração. Nossos descendentes poderão apreciar esta cartografia e mostrar para sociedade a identificação do nosso território de forma visual e pedagógica"*



Já nas palavras de Rosilane Almeida,  
"Nossa história não termina por aqui! Tem muita coisa do passado, do presente e também do futuro que a gente ainda vai conhecer. Então, deixo esse Jongo, feito por mim, porque ele tem um importante significado para nossa luta e história. A letra passa uma mensagem importante! Fiz esse Jongo para dar mais força a nossa luta e a nossa história. Com ele, homenageio também os indígenas que aqui viveram e no período da colonização foram exterminados.

*Vem Camuri*

*Vem ser Quilombo,*

*Pisa no Terreiro,*

*Cunhambebe está chamando.*

As letras de jongo são cheias de metáforas e essa não é diferente, tem multi significados. Mas, deixo para vocês o que mais se destaca.

"Vem Camuri..." significa: vem meu povo, se levanta, acorda!

"Vem ser quilombo" significa: precisamos ser resistência!

"Pisa no terreiro" vem pisar nesse chão para sentir a energia dos nossos ancestrais!

"Cunhambebe tá chamando" significa: seu poder feminino está te chamando, voe!"













## Participantes

Adilson Almeida  
Rosilane Almeida  
Helena Santos  
Lucia Garcia  
Nathanael Santos  
Adryan Almeida  
Leandro Pereira  
Alexander Santos

## Equipe em Campo

Adilson Almeida e Rosilane Almeida - lideranças quilombolas  
Luz Stella Rodríguez Cáceres - Antropóloga, Coordenadora das Oficinas de Cartografias Participativas  
Paulo Santos - Cartógrafo  
Caroline Santana - Coordenadora Eixo Sociocultural  
Geovana Melo - Estagiária do Eixo Sociocultural

## Fotografias

Luz Stella Rodríguez Cáceres, Bruna Távora, Geovana Melo, Caroline Santana e Acervo Acuca.

## Texto

Luz Stella Rodríguez Cáceres

## Organização

Adilson Almeida, Rosilane Almeida, Luz Stella Rodríguez Cáceres, Paulo Santos, Bruna Távora, Ingrid Pena, Caroline Santana, Geovana Melo e Pedro Biz

## Coordenação editorial

Bruna Távora e Pedro Biz

## Projeto Gráfico

Pedro Biz

## Contatos com a comunidade

Adilson Almeida - (21) 98320-2634  
Rosilane Almeida - (21) 98163-3792  
Instagram: @quilombocamorim  
Facebook: @acuca.camorim  
E-mail: quilombodocamorim@gmail.com

ISBN nº 978-65-89039-21-1

Para conhecer um pouco mais sobre as histórias e memórias do Quilombo do Camorim, aponte sua câmera para o QR code e assista aos documentários:

### A história de onde eu vim: Conhecendo minhas raízes



### A história de onde eu vim: Retomando minhas raízes



## Fontes da cartografia

Base de Lougradouros: IPP  
Limite Apa: IPP  
Hidrografia: IPP  
Edificações: IPP  
Caminhos: Coleta por GPS de navegação  
Contorno quilombo: Quilombolas de Vargem Grande  
Imagens: Google Earth  
Hidrografia, curva de nível, pontos cotados - IBGE  
Limites quilombo, Caminhos, Lugares de memória, pontos territoriais e outras referências - Cartografia quilombola.



## REALIZAÇÃO



PROJETO  
**SERTÃO CARIOCA**  
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA



## PATROCÍNIO

